

CORREIO NO MUNDO



Maria Corina Machado levou "invertida" da líder interina

Delcy Rodríguez dá indireta a María Corina Machado

A líder interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, e a principal opositora, María Corina Machado, trocaram farpas em meio à crescente pressão de Washington sobre Caracas e à incerteza sobre o futuro da Venezuela. A vencedora do Nobel da Paz se reuniu com o chefe da diplomacia americana, Marco Rubio, em Washington. "Acho que ninguém confia em Delcy Rodríguez", disse María Corina após o encontro a portas fechadas, acrescentando que "acabaram as opções" para a líder interina. Questionada se aceitaria dividir provisoriamente o poder com Delcy, Corina respondeu: "Estamos dispostos e, de fato, trabalhando para facilitar uma transição real. Esta não é uma transição na qual as máfias permanecem no poder e, no fim, os cidadãos acabam sofrendo."

EUA avaliam usar a força novamente

A reunião ocorreu logo após Rubio ter participado de uma audiência no Senado em que foi questionado sobre a situação da Venezuela. O secretário de Estado afirmou que o país terá eleições, mas que o cenário exige tempo e cautela. Ele também disse que o governo Donald Trump está monitorando de perto o desempenho das autoridades interinas e não descarta a possibilidade do uso de força novamente na Venezuela.

Prensa Presidencial de Venezuela



Delcy Rodríguez falou de Corina Machado indiretamente

Não vão entrar para prejudicar a paz

Delcy, que vem adotando uma posição morde-e-assopra em relação aos Estados Unidos, não demorou em reagir. Sem citar María Corina nominalmente, a líder interina instou os que pretendem "perpetuar dano e agressão" contra a Venezuela a ficarem em Washington.

"Aqui, não vão entrar para prejudicar a paz e a tranquilidade", disse Delcy durante uma cerimônia em Caracas em que a Forças Armadas juraram lealdade e subordinação a ela. O ato reuniu cerca de 3.200 militares, que desfilaram diante da líder interina.

Delcy diz que "ninguém se rendeu"

"Que venham todos os que amem de verdade a Venezuela, mas os que pretendem perpetuar o dano e a agressão contra o povo da Venezuela, que fiquem em Washington", afirmou. "Estamos dispostos ao entendimento, estamos dispostos ao diálogo, mas não estamos dispostos a outra agressão [...] Aqui ninguém se rendeu, aqui estivemos em combate", declarou ela na cerimônia.

Ataques suspensos

Donald Trump disse nesta quinta (29) que Vladimir Putin concordou em suspender os ataques a Kiev e outras cidades ucranianas por uma semana devido à onda de frio extremo que atinge o país invadido há quase quatro anos. O Kremlin não comentou ainda a afirmação do americano, feita durante uma reunião em seu gabinete.

Conversa com Putin

"Eu pedi pessoalmente ao presidente Putin para não atirar em Kiev e várias cidades por uma semana, e ele concordou. Foi muito gentil da parte dele. Várias pessoas disseram: 'Você não vai conseguir isso'. E ele o fez", completou, sem especificar quando a conversa ocorreu.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Afastados do ICE

O governo Donald Trump decidiu por afastar dois agentes de imigração que balearam e mataram o enfermeiro Alex Patti, 37, em Minneapolis no último sábado (24). A morte abalou os EUA e vem causando uma mudança de estratégia do presidente em relação à sua campanha de deportação em massa.

Sem mais detalhes

O Departamento de Segurança Interna não deu mais detalhes do afastamento e não mencionou se alguma medida será tomada contra os demais agentes que participaram da ação - Patti estava imobilizado por outros membros do CBP (Alfândega e Proteção de Fronteiras) quando recebeu pelo menos dez tiros, a maioria nas costas.

Avião encontrado

O avião que havia desaparecido com 15 pessoas a bordo na quarta (28) foi encontrado perto da fronteira da Colômbia com a Venezuela. Ninguém sobreviveu. Entre as vítimas está um candidato à Câmara Baixa, informou à AFP a autoridade aérea colombiana. Avião transportava 13 passageiros e 2 tripulantes.

Agricultores

Ainda não se sabe a causa do acidente, informou o Ministério de Transportes colombiano. À imprensa, a ministra María Fernanda Rojas disse que a pasta acionou todos os protocolos necessários para investigar o caso. A aeronave foi localizada por agricultores em uma área rural do município de La Playa de Belén.



Pela primeira vez, Israel reconheceu número de mortos em Gaza

Israel chancela número de mortos dado pelo Hamas

Israel reconhece que 70 mil palestinos foram mortos na guerra

Por Victor Lacombe (Folhapress)

Pela primeira vez, as Forças Armadas de Israel reconheceram na quinta (29) que pelo menos 70 mil palestinos foram mortos durante a guerra na Faixa de Gaza, reconhecendo que o número do Ministério da Saúde do território, controlado pelo Hamas, está correto. O órgão palestino diz que 71.667 pessoas foram mortas durante os dois anos da guerra, que começou com o ataque terrorista do Hamas em 7 de outubro de 2023 e terminou com o cessar-fogo acordado em outubro do ano passado.

Até aqui, as Forças Armadas israelenses, apesar de questionar o dado do Ministério da Saúde, não haviam oferecido uma estimativa própria - a não ser quando disseram ter matado 22 mil terroristas do Hamas entre 2023 e 2025.

Entidades internacionais como a ONU sempre disseram que, em geral, os números do Ministério eram confiáveis. Se estiverem corretos, isso significa que cerca de 3,5% da população do território palestino, que tem 2 milhões de habitantes, foi morta no conflito. Estudos independentes, entretanto, apontam que os dados do Ministério podem na verdade subestimar o real número de mortos em Gaza.

Em julho de 2025, quando a contagem oficial do Hamas era de 45 mil mortos, um estudo da Universidade de Londres estimou que o número verdadeiro era 65% maior, contabilizando 75 mil óbitos. Des-

tes, 56% seriam mulheres, crianças ou idosos. O estudo apontou ainda cerca de 8 mil mortes não violentas a mais do que seria o esperado, indicando possíveis mortes por falta de tratamento médico adequado, remédios ou fome.

O governo Binyamin Netanyahu questionou a confiabilidade dos números do órgão ao longo de todo o conflito. Chamando a conta de "errônea", a diplomacia de Tel Aviv atacou por diversas vezes veículos de mídia que se baseavam na contagem do Ministério para reportar o número de mortos na guerra.

No anúncio desta quinta, as Forças Armadas israelenses não recuam da afirmação de que os dados do Ministério da Saúde têm problemas - eles não fazem distinção, por exemplo, entre combatentes e civis. Israel também nega que pelo menos 400 palestinos tenham morrido de fome, como afirma o órgão controlado pelo Hamas.

Em agosto de 2025, a ONU disse que 500 mil pessoas no território estavam em situação catastrófica de desnutrição.

Os militares israelenses dizem ainda que muitas das mortes não podem ser atribuídas diretamente a bombardeios contra terroristas. Ao mesmo tempo, autoridades de Israel ouvidas pela imprensa do país dizem que a taxa estimada da morte de civis é de dois a três para cada combatente morto.

Esses números fizeram com que a Anistia Internacional acusasse Israel de cometer genocídio em Gaza.